



DORES
OCULTAS
Juliana Bueno



1ª edição / Porto Alegre / RS / 2012

Capa e projeto gráfico: Marco Cena
Revisão: Alessandra Oliveira
Editoração eletrônica: Bruna Dali e Maitê Cena
Assessoramento de edição: André Luis Alt

B928d Bueno, Juliana
Dores Ocultas / Juliana Bueno. – Porto Alegre:
Outras Linhas, 2012.
216 p.

ISBN 978-85-99275-58-0

1. Crescimento espiritual. I. Título.

CDU 130.122

Cip – Catalogação na Publicação
Vanessa I. de Souza CRB10/1468

Todos os direitos desta edição reservados à
Edições BesouroBox Ltda.
Rua Brito Peixoto, 224 - CEP: 91030-400
Passo D'Areia - Porto Alegre - RS
Fone: (51) 3337.5620
www.besourobox.com.br

Impresso no Brasil
Setembro de 2012

Dedico este livro aos meus pais,
Ziegler e Alzira (*in memoriam*),
aos meus irmãos Elizabeth
(Beth), Zigler (Guito) e Elisandra
(Eli). Também para Regina, minha
sobrinha e amiga querida e para meu
irmão Allan (*in memoriam*).

Dedico, também, a todas as
famílias deste nosso mundo com
suas dores ocultas, carmas, mágoas e
culpas, mas também com suas
alegrias, conquistas e vitórias.

“Nada, no céu ou no inferno, na Terra ou em qualquer outro lugar, pode impedir o progresso do homem que despertou da ilusão, que vislumbrou a realidade além da ilusão do plano astral, e que ouviu, ainda que somente uma vez, o toque de clarim de sua própria alma.” (*A Treatise on White Magic*, Alice Bailey)

Naquela manhã, tudo parecia normal, seguindo a rotina de sempre. Em plena primavera, Andréa nascera um dia, às 07h30min da manhã. Hoje, após 64 anos, ela, mais uma vez, despertara, sentindo-se muito mais velha, mas também, repleta de energia. Sempre com o mesmo desejo: ser feliz, custe o que custar, doa a quem doer.

Existe, nessa última afirmação, um exagero na linguagem. “Doa a quem doer” é algo que Andréa nunca aceitou, tampouco praticou. Aliás, a solidariedade, o amor e o respeito ao próximo é bem típico de pessoas que nascem na primavera, como era o caso de Andréa. Isso deve acontecer em todas as partes do mundo. Se você também nasceu na estação das flores, vai concordar comigo.

Por isso mesmo um conflito “crônico” e disfarçado parecia existir entre Andréa e sua mãe, que nascera em pleno inverno, há mais de 90 anos. É claro que este antagonismo entre as duas estações do ano não é o único motivo. Ela sabe disso e nesta fase de sua vida está preparada, desejando entender melhor esse conflito.

Ao mesmo tempo, Andréa também se prepara para compreender e viver a mais incrível aventura de sua vida na Terra. Uma aventura que poderá lhe trazer a conquista maior: o verdadeiro amor. Neste momento da sua existência, ela quer conquistar o Amor Incondicional, consciente, afinal, somente ele poderá lhe dar as condições reais para a felicidade interior e suas consequências no mundo exterior.

O mundo exterior de Andréa é bastante conflitivo, principalmente na sua família, nessa que ela conseguiu construir com amor e com a certeza de que estava fazendo o melhor. Talvez, se for possível entender o conflito de Andréa com sua mãe, seja possível compreender melhor os conflitos posteriores, as mágoas, as inseguranças e a inimiga maior de todos nós: a carência afetiva. Vamos, também, aceitar e acreditar na cura desta nossa

enorme e ancestral solidão. Ela lembrou, neste exato momento, de uma frase que acabara de ler:

“Tire o fardo dos ombros, meu amigo. Você não vê que a sua preocupação, os seus medos e todos os apegos que eles causam não passarão pela porta da verdade?” (*O Milagre do Amor*, Paul Ferrini)

Na verdade, Dona Gilda, mãe de Andréa, durante muitos anos carregou todos os fardos sem dividir, tentando aguentar o peso sem se curvar. Talvez por isso os problemas nas costas, na coluna, nos músculos e articulações foram tão intensos, crônicos e agudos. Os problemas familiares, na opinião de Andréa, eram os piores. (*Apenas refletem os nossos pessoais, fazem parte das nossas escolhas. Eles parecem espelhos, onde vamos enxergando nosso rosto, que vai se modificando, vai se desvanecendo com o passar do tempo – ela refletia.*)

No entanto, Andréa e sua mãe conversavam bastante. Os temas eram superficiais, domésticos, mundanos. Nenhuma das duas queria ou conseguiria se aprofundar. As queixas apareciam de todos os tipos. As causas, a origem de tudo aquilo parecia não existir. Era essa a maneira de sua mãe falar, se queixar dos problemas com cautela, de um jeito, às vezes, formal, bem educado, conformado. Agora, lá estava ela mais uma vez na UTI, onde dificilmente conseguiriam conversar. Caso isso acontecesse, o diálogo seria ainda mais superficial. Andréa tentava animar a mãe, esconder a tristeza e a compaixão que, aliás, eram sentimentos que Dona Gilda não conseguia suportar.

– Mãe, tenha calma, confie em Deus. Entregue a Ele a sua dor, o seu cansaço. Peça auxílio com humildade, converse com Deus, converse com os Anjos.

A mãe concordava, quase sem conseguir falar, aparentemente humilde. Seus olhos verdes, sempre brilhantes e cheios de vida, estavam opacos, mas expressavam uma incrível aceitação. Ao mesmo tempo, ela procurava esconder o medo, um medo terrível do que poderia lhe acontecer. Afinal, ela tinha 93 anos! Que futuro a aguardava quando conseguisse voltar para casa? Para onde ela realmente voltaria quando saísse daquela UTI?

Dona Gilda, nessa situação, tinha terríveis pesadelos, sonhos estranhos com pessoas que “já tinham morrido”, como ela mesma contava. Às vezes, acordava gritando, um grito diferente, rompendo o silêncio de todos aqueles anos. Quem poderia socorrê-la neste exato momento?



UM ANJO SURTIU E ELA CONSEGUIU VÊ-LO

Naquele instante, naquele quarto da UTI, Andréa estava lá e também Mariana, neta de Dona Gilda. Há muitos anos ela morava com a avó, desde que admitira ser realmente impossível morar com sua própria mãe. Paola era uma pessoa difícil, autoritária e agressiva,

com problemas emocionais e “espirituais” sérios e sem maiores cuidados com eles, o que agravava bastante a situação e tornava a convivência com ela muito difícil e atormentada. Andréa, no entanto, acreditava e tinha certeza de que sua irmã, a mãe de Mariana, tinha um incrível e bondoso coração, além de uma alma com talentos e potenciais para a verdadeira evolução espiritual, buscando a compreensão, o sentido da vida e a prática do verdadeiro amor. Nisso tudo ela acreditava, sem desanimar, embora a realidade lhe mostrasse outra coisa, como se precisasse olhar o mais profundamente possível e tentar enxergar a verdadeira personalidade de sua irmã.

Estava lá também, ao lado de Dona Gilda, Simone, uma pessoa querida que trabalhava na casa há mais de 25 anos cozinhando, lavando, passando, limpando e, principalmente, cuidando da mãe de Andréa. Uma autêntica enfermeira, sempre que necessário, e esses momentos necessários aconteciam cada vez mais.

Foi para essas quatro mulheres, naquela UTI com pouca luz e um silêncio total, que o Anjo apareceu. Quem primeiro o viu foi Mariana, que avisou:

– Tia Andréa, Simone, olhem! Eu estou vendo ali, naquele canto, bem ao lado da cama, um Anjo muito lindo! Olhem vocês também. Não parem de olhar. Vocês também poderão ver.

Dona Gilda ouviu e rapidamente voltou-se para o canto onde a neta apontava. Seu olhar adquirira um novo brilho, sempre verde, mas não tão triste e desanimado.